

ARTIGO

Um gigante de voz retumbante

Multifacetado, Eduardo Campos se notabilizou como homem das letras, apesar da militância política e os cargos no governo. Para o professor e pesquisador Oswald Barroso, Campos foi uma espécie de Câmara Cascudo cabeça chata

Oswald Barroso
especial para O POVO

[22 Setembro 16h29min 2007]

Em certa medida, Eduardo Campos, pela abrangência e extensão de sua obra, foi uma espécie de Câmara Cascudo cabeça chata. Levantou elementos da vida cearense que vão da culinária às irmandades religiosas, passando por costumes, folguedos e medicina popular. Publicou como poucos. Teve militância tão intensa na imprensa falada e escrita, quanto na vida cultural do Estado. Dirigiu os Diários Associados, no Ceará, quando ele detinha a maior rede de meios de comunicação pública no País. Meteu-se em política, mesmo que nos bastidores, tendo sido secretário de Cultura do Estado. Foi, porém, fundamentalmente, um homem das letras e das artes e, mais particularmente, do teatro e da ficção.



Afeito a discursos e à oratória, de modo geral, sua figura agigantada, pelo menos para a época, e seu vozeirão tonitruante, davam-lhe a aparência de um Maiakovski tupiniquim. Talvez por isto, na intimidade das redações e estúdios, fosse conhecido como Manecão. Lembro-me dele, em fala inflamada, despedindo-se do amigo, por ocasião do sepultamento de meu pai, Antônio Girão. Falava com sinceridade e afeição. Também, foram companheiros de Clã por quase meio século e, por décadas, funcionários dos Diários Associados! Ele na direção e meu pai nas editorias de arte e cultura. Acolheu muitos artistas e literatos e abriu espaços para outros, tanto na empresa que comandava, incluindo rádio, jornal e televisão, quanto nas instituições culturais que dirigiu. Cometeu equívocos, a que todos estamos sujeitos, quando num primeiro momento apoiou a Ditadura Militar. Mas soube rever o erro, já que mais que tudo era um homem de pensamento e cultura.

Por seu parecer, ganhei meu primeiro prêmio num concurso de dramaturgia, com um texto sobre a Irmandade da Santa Cruz do Deserto, do Beato José Lourenço, no Caldeirão, tema considerado perigoso para a época, pois tratava-se de uma experiência de reforma agrária acusada de fanática e comunista. (Antes, eu já havia lhe feito uma homenagem, denominando de Rosa do Lagamar, um quadro de minha autoria, exposto em concurso público.) Enveredou pelo teatro psicológico, acompanhando correntes de pensamento contemporâneas, mas suas obras dramáticas mais notáveis são de cunho social. Além do mais, foi o primeiro a colocar um Bumba-meu-boi numa peça feita para teatro à italiana, no Ceará, o que lhe mereceu elogio explícito de Plínio Marcos. Agora mesmo, servi-me de registros seus, feitos ainda no início da década de 50 passada, para um estudo sobre os Bois de folguedo, em Fortaleza. Afinal, como bom repórter e jornalista, Manuelito conhecia a vida popular, sendo também etnógrafo por vocação.

Com sua morte, desaparece um dos últimos integrantes da chamada "primeira fornada" do Grupo Clã de Literatura e Arte. (O outro, vivo e atuante, é o poeta Artur Eduardo Benevides). Nos arquivos que herdei do meu pai, lá está Manecão com seus companheiros de grupo literário, num encontro domingueiro (chamado à época bivaque ou convescote), em sítio que possuía no Mondubim. Na verdade, Clã era mais do que um grande grupo de amigos (e ser isto não era pouco). Pela influência que teve nos diversos campos da cultura cearense, devido à abrangência do trabalho de seus membros e ao tempo em que esteve ativo, não tenho dúvidas ser o Clã o grupo literário mais importante da história das nossas letras, bem como da cultura acadêmica, de modo geral, em se tratando do Ceará. Uma de suas maiores virtudes, como grupo, talvez tenha sido a tolerância com relação às diferenças de pensamento, que fazia possível a convivência num mesmo agrupamento de figuras tão díspares como o católico Mozart Soriano Aderaldo e o comunista Aluizio Medeiros, ou como o integralista Denizard Macedo e o anarquista Antônio Girão Barroso.

Eduardo Campos soube conviver com todos eles. Soube ajudar a reuni-los e a abrir espaço para suas atividades, como gestor cultural, tanto de instituições públicas, quanto privadas. Principalmente, o teatro beneficiou-se grandemente de sua atuação e não apenas como autor competente e inspirado. Dirigida por

ele, a então TV Ceará (dos Diários Associados) possibilitou não somente a mais notável experiência de criação artística para televisão no Ceará, com seus especiais, novelas e programas humorísticos, como um laboratório extraordinário de criação teatral. Nas suas criações dramáticas ao vivo, talvez mais que televisão, se exercitava o teatro (que o digam os inúmeros atores que ali militaram). Eduardo Campos estava no centro de tudo isto.

Oswald Barroso é dramaturgo e professor da Universidade Federal do Ceará.

Leia mais sobre esse assunto

22/09/2007 16:29:42 - ["Até um dia" a Eduardo Campos](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Bibliografia](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Lembranças de chuva](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Para rememorar a história do Ceará](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Um homem em três dimensões](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Um trem em movimento](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Viagem definitiva](#)